3 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

INICIAÇÃO DE PRÁTICA LITERÁRIA EM SALA DE AULA, NA DISCIPLINA LITERATURA BRASILEIRA IV*

RESUMO – *O presente trabalho é o resultado de um espaço de experiência literária do aluno universitário, do seu fazer diário, do compromisso com a pesquisa, a leitura e produção de texto. Inicialmente, com o objetivo de conhecer melhor os artistas baianos que atuam, hoje, no contexto artístico literário. Percorrendo a poesia de dois escritores contemporâneos, Myriam Fraga e Raymundo Luiz Lopes, descobriram-se as afinidades poéticas, na procura incansável dos caminhos e descaminhos do homem, no desejo solitário, mas, solidário aos outros homens. "Desencanto no canto de Myriam" e "Releitura de Raymundo" é uma das tentativas de pesquisa e produção de texto do aluno que se propõe a dinamizar o espaço discente, no processo ensino-aprendizagem, na Universidade Estadual de Feira de Santana.*

ABSTRACT – *This is result of a literary experience of university students in their daily work, that is, research, reading and writing. Initially, it aims, at knowing better the "baiano" artists who presently act in the artistical litterary environment. On exporing the poetry of two contemporany writers, Myriam Fraga and Raymundo Luiz Lopes, we discovered their poetic affinity in the tireless search of the self. Both writers discuss man's uncerttainty of life, and his solitary wish even being solidary wish the other men. "Desencanto no canto de Myriam" e "Releitura de Raymundo" is another attempt of research and production of texts proposed by students who are interested in recuring their space in the teaching/learning process at Feira de Santana University.*

INTRODUÇÃO

Acreditamos que o trabalho de Literatura deve-nos conduzir à prática da fruição e da experimentação, no campo da produção literária.

É necessário que o processo de leitura e fruição de obras literárias estimule o poeta ou o ficcionista, em potencial, que habita em cada um dos alunos do Curso de Letras e Artes, carentes desse exercício literário.

A Universidade, através do seu Departamento de Letras e Artes, tem compromisso com o desenvolvimento do campo artístico e literário. Essa tarefa, paralela, através da própria experiência do trabalho didático cotidiano, dinamiza a pesquisa e produção de texto em sala de aula, objetiva o melhor desempenho do aluno como pesquisador e fruidor de Arte.

(*) A experiência ora apresentada realizou-se sob a coordenação de Ana Angélica Vergne de Moraes, professora titular do Departamento de Letras e Artes. Para fins de publicação neste periódico, os trabalhos sofreram alguns ajustes que não interferiram na essência das análises feitas pelos alunos.

Convivendo com a experimentação, nós, o professor e os alunos, conseguimos estabelecer um pequeno espaço de pesquisa. Selecionamos, para estudo e prática, obras de autores baianos e contemporâneos, inicialmente, com o objetivo de maior familiaridade com os modernos e conterrâneos. Através da análise das obras literárias, o estímulo à leitura de autores nossos, de nossa terra, ampliando o campo de conhecimento e de cultura. Em alguns casos, chegamos até a manter contatos pessoais com os autores em entrevistas e debates sobre as suas produções, como é o caso de Raymundo Luiz Lopes, professor da UEFS.

Toda a orientação do trabalho tem sido fundamentada no sentido de ampliar o universo de leitura dos alunos, treinar a análise estético/literária, possibilitar maior abertura na compreensão do mundo artístico, mais amadurecimento na qualidade da leitura. A sensibilidade artística é revelada na produção de trabalhos diários em classe.

Por outro lado, somos responsáveis pelo sucesso ou não de nossos veículos universitários de informação e comunicação, pelos instrumentos de divulgação de todas as atividades realizadas na Universidade. Precisamos estimular o interesse de participação na Revista e/ou publicações outras que sejam elaboradas e programadas pela UEFS. É preciso manter acesa a expectativa de nossos leitores. A secção *Relatos de Experiências* é um espaço aberto à divulgação de trabalhos, a nível de sala de aula, pelos alunos, com o apoio do professor.

Resolvemos assim apresentar este trabalho feito por alunos da disciplina Literatura Brasileira IV, com autores da poética baiana. Escolhemos, para o primeiro encontro, dois escritores contemporâneos: Myriam Fraga e Raymundo Luiz Lopes, com os temas: *Desencanto no Canto de Myriam e Releitura de Raymundo.*

Esperamos que o espaço que ora ocupamos venha a ser utilizado por todos que desejem, com realismo e simplicidade, valorizar o esforço conseguido num trabalho diário dos próprios alunos.

DESENCANTO NO CANTO DE MYRIAM*

Myriam de Castro Lima Fraga, nascida em Salvador, com uma larga experiência no campo da arte literária, tem participado em revistas e suplementos onde escreve com freqüência. Estreou em livro escrevendo *Marinhas,* publicou com outros autores, *Cinco Poetas.*

Tem vários trabalhos de parceria com Calasans Neto *(Plaquette – Marinhas, A ilha, A cidade, Abaeté* e, recentemente, *A Lenda do Pássaro que Roubou o Fogo,* com a participação, também, de Carlos Pita.)Participou de outras Antologias: *Moderna Poesia Baiana, Vinte e cinco Poetas da Bahia, Sete Cantares de Amigos.*

(*) Deste estudo participaram os alunos: Neusa Brito Carneiro e Gidalte N. da Silva, que cursaram Literatura Brasileira IV, em 84.2.

Além dessas contribuições, publicou os livros: *Sesmaria* (Prêmio Arthur de Sales – 1969), *O Livro dos Adynatas, O Risco na Pele, Purificações ou o Sinal de Talião.* Coordenou a Coleção dos Novos pela Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Os poemas analisados, neste trabalho, foram selecionados dos livros: *Risco na Pele e Moderna Poesia Baiana - Antologia.*

Considerando os poemas escolhidos, os alunos fundamentaram a pesquisa numa linha de desencanto e dor.

Os impactos causados entre os ideais da autora e a realidade ferem-lhe profundamente a alma desde que ela não se sente preparada para o impasse.

Na tentativa de análise contextual, observa-se, inicialmente, em seu poema *Desencanto*[1], o confronto de dois momentos de reflexão: *Hoje tenho em minhas mãos/A espada e a balança, (...).* Este "hoje" é o resultado de sua reflexão sobre o mundo em que ela cresceu, cheio de sonhos, onde ela se achava protegida: *Era um círculo fechado/Uma paisagem de sonho.* E nesse "mundo" ela se declara e descobre o romper-se do "círculo": *O círculo era de giz, (...).* Nesse momento, ela se confessa impotente:*/Mas nenhuma justiça/Em meus braços quebrados.*

Na mesma linha de pensamento e de divagações, vamos encontrar a autora sintonizada com outro grande poeta, Cecília Meireles, no seu desabafo poético, transmitindo-nos, numa forte imagem, o seu amargo desencanto, no poema *Canção*[2]*: debaixo da água vai morrendo/meu sonho dentro de um navio/(...)/meus olhos secos como pedras/e as minhas duas mãos quebradas.*

No poema *A Esfinge*[3], a escritora se utiliza de imagens paradoxais, como, "mulher" "pássaro" "leoa", transmitindo sensação simultânea de fragilidade e fortaleza. Exprime uma atitude de impotência, no sempre jogo de forte/fraco, inquebrantável/flexível: *Não me exalto/Sei que virá o dia das respostas/E profetizo-me clara e desarmada.*

Possuindo garras de aço, esperando a morte como última chave, solução, quem sabe, de todos os conflitos, a autora declara-se livre e forte: *por ser mulher e pássaro/E leoa,/Tendo forjado em aço/As minhas garras.*

Parece-nos que a autora, em seu poema da *Definição ou da Impossibilidade de Dizer*[4], assume um posicionamento novo ante a realidade, contudo, sua atitude não se distancia muito da habitual temática do desencanto e da dor. Ela constata e se descobre inútil e decide não falar muito, embora seja o seu próprio poema o seu grito, a sua forma de universalmente fazer-se ouvir e é através dele, o poema, que falando muito, a poeta se desvela sensível e dolorida: *No entanto/Calo,/Aqui não falo./Antes lamento./ E não desminto/Antes o avesso/Sinto/Do não dito.* .

É nesse "calar" que a explosão de palavras acontece, revelando a intensidade de sua dor: *Que este silêncio/De desespero/Que não disfarço./Que sei? Não sei. Faço./Aqui não digo/Antes dissesse/O que preciso.*

Sempre sentindo a voz presa, mas insistindo na sua vontade de dizer o *não dito*, de falar o que é preciso ser falado e, o grito não consegue sair e, o desejo fica contido, somente exclamado pelo poeta, como se a mulher frágil fosse substituída pela gigante e poderosa força poética.

A escritora parece comungar com a voz de outro poeta, o grande Fernando Pessoa[5], em um de seus heterônimos, Alberto Caieiro, no seu poema *Inconjuntos*, sintonizando na mesma fala: *Digo de mim, "sou eu"./E não digo mais nada./Que mais há a dizer?*

Na comunhão de vozes, outras vozes se juntam à de Myriam e clamam, como Cassiano Ricardo[6], o nosso poeta do *Jeremias sem-chorar*, em seu poema *7 Razões para não chorar*, onde ele reconhece o estado a que mundo e homem chegaram e, num canto de desabafo, o desencanto no canto: *O mundo do terror/e do encanto/me obsta o pranto./(...)/A cidade mecânica/timpânica/me fez um objeto/concreto./(...)/A lágrima é ridícula./Um homem não chora.*

E igualmente desencantados eles falam, não falam, choram, não choram e nesse círculo contínuo de sentimentos conflitantes, diante da grande realidade geral, eles vão fundo no poço do desencanto e, impassíveis, dilacerados por dentro, vão falando por todos, na magia dos versos.

Ainda em seu poema *Definição ou da Impossibilidade de Dizer*[7], a revelação dos sentimentos do poeta: *Ferrolho na cara,/Maxilas tenazes/Sem alarme./(...)Cidade de não ver,/De não dizer.*

Aí mais uma vez identifica-se o poeta com Cassiano Ricardo em: *A cidade mecânica/timpânica/me fez um objeto/concreto.*

No caminho da impossibilidade, a autora faz com que o desespero invada sua poesia e assim possa extravasar, ousar assumir o seu silêncio, o seu medo de dizer: *Antes a sílaba/Cortando a língua/Na estocada,/(...)/Que este silêncio/De desespero/Que não disfarço.* Para a autora, manter-se calada é como guardar o veneno, é só sangrar:*Signo. A palavra/Constelada de tiros./Como um veneno/Justo guardado/No corpo denso./Como uma agulha/Singrando a carne.*

Como pássaro, cantante e ferida no seu desencanto, a poeta liberta a mulher e nos desvela os pélagos de sua alma, produzindo seus "gritos" atenuados pela confirmação de um fatalismo, suposição de que tudo é regido por um destino implacável onde o homem não tem escolha, rastejando até a morte, prisioneiro de um determinismo.

No poema *Liberdade*[8] a autora, de maneira clara, firme, explicita a sua dor, a desdita de todo homem: *Tardo é o tempo da escolha/(...)/E o corpo/Coagulado em rígidos horóscopos./Antes da escolha – o homem/(...)/Apodrecido no íntimo/(...)/O caminho traçado,/(...)/Ou o que chamamos destino.*

Augusto dos Anjos[9], em seu poema *Psicologia de um vencido*, na revelação da realidade em que se descobre como humano e concreto, condicionado por fatores físicos, químicos e cósmicos, ele se une à voz de Myriam no desencanto e na dor: *Eu, filho do carbono e do amoníaco,/(...)/Sofro, desde a epigênesis da infância,/A influência má dos signos do zodíaco.*

No desencantado trajeto, antevendo a morte como ponto de retorno e unidade de todas as coisas e não mais simplesmente como fim, Myriam, poeta, ondula na esteira determinista do pessimismo e do ocultismo, expressando em premonições a ansiedade da mudança no seu poema *Medusa*[10]:*Há tambores na carne /"Tambores"*,

como sinal de uma frente de batalha, avante, à luta: *No entanto/Defrontam-se em mim/A vontade e o silêncio.*

Convivendo no mundo desencontrado dos ideais, dos desejos, das vontades sufocadas, das expectativas de mudança, a impotência e a fragilidade convivem com o sentimento de inutilidade: *Ou me abismo em teus olhos/Me resgato/Em silêncio e solidão e jaspe/Estátua de pedra/Inútil,/Nos teus braços.*

A "estátua de pedra" frustra toda a ansiedade da mudança e apesar de toda a dor que incomoda, dilacera pungentemente, a sua fala poética comunica sua atitude estática, sofrida, vencida, como no poema *Retratos*[11]*: Tudo que foi/Aqui está enterrado./Em branco e preto/A soma revelada./Do que outrora foi vida/E hoje é distância.* O poeta nos diz como tem sido difícil vencer a impotência, a insegurança, diante do mundo e, até mesmo, diante da própria vida.

A luta talvez tenha sido tanta que, extenuada e sem conseguir o seu intento, a autora decide jogar na conta do nada, a amargura e o desencanto e, como uma espécie de chave conclusiva de sua trajetória, no poema *Perspectiva*[12], nos revela: *Este é um mundo limite/(...)/Do frangalho do sonho/onde a espera faz-se inútil/(...)/E a mão ensaia o gesto/E se disfarça.*

Gesto desesperado de "Pare", "Chega", "É preciso mudar", mas o disfarce e, tudo continua inexoravelmente no mesmo, tudo, exatamente como era antes.

A mesma sensação de tristeza que a envolve, o desalento gritado, a tenacidade da luta e ao mesmo tempo o fracasso da "ferrugem nos pés" – para expressar a sua fragilidade, destruição e morte, o fogo, o sangue, o veneno, o medo, o "frangalho do sonho" – para expressar o conflito, os repetidos "não sei" "não digo" "o que faço, no entanto", "o tempo tardo" "o tempo é nada" – para dizer da inutilidade da existência.

Do ponto de vista do estilo e da linguagem, os poemas de Myriam registram a força da liberdade poética e quanto à distribuição e harmonia dos versos, essa liberdade é expressa numa mistura de realismo e naturalismo, presente na maioria dos poemas, através das expressões usadas.

A presença de palavras fortes e significativas e, às vezes, decisivas, extravasam a força do seu pensamento como em: "branco de cal" – para o sonho; "preto ou sangue" – para a realidade; "braços quebrados", "estátua de pedra", "olhos cegos", "mãos algemadas", "ferrugem nos pés" – para dizer de sua impotência, sua fragilidade diante da grande realidade cósmica.

A construção metafórica em: *O Mundo onde cresci/Era um círculo fechado,/Um canivete/Em ponta na garganta/Arde.*

Nos empregos harmoniosos, o uso da sinédoque, dá vigor e musicalidade à sua fala: *Maxilas tenazes/(...)/Das tíbias gastas/o homem – a cartilagem/.*

A artística e inteligente convivência simbólica, o jogo das personificações, hipérboles e comparações, por aí, nos conduz a autora ao seu mundo mágico: *A espada e a balança/(...)/A Cidade de não ver/De não dizer/(...)/A Urbis selada/Sangrando o lacre/(...)/E as palavras/Com suas patas/Crescem na densa/Saliva amarga.* E continua estabelecendo as suas comparações no uso de uma linguagem rígida e cor-

tante: *Como uma agulha/Sangrando a carne/(...)/Como navalhas ásperas/Sintaxe de claridade.*

Na maioria das vezes, as estrofes são irregularmente distribuídas; os paralelismos, anáforas, aliterações são freqüentes: *Aqui não falo/(...)/De mal dizer/(...)/De não dizer/Navegar no silêncio./(...)/Antes o ingrato/Signo./(...)/Antes a sílaba.* Anáforas: "no entanto" repetido no início dos versos: *E, no entanto, sei (...)/E, no entanto,do (...)/No entanto,/Calo.(...)* As Aliterações: *As palavras dissolvem-se/Em seu ácido/Silêncio e se devoram,/.* A freqüência das sibilantes na reiteração das palavras registradas: "palavras", "sangue", "navalhas", "ásperas", "sintaxe", "resgate", "silêncio", "solidão", "avesso", "desminto", "pássaro".

Ocasionalmente acontece rimar, contudo essa não é preocupação da autora. Seus versos são, na maioria, livres, melódicos, evidenciando sua liberdade de criação: *E no entanto sei/Do pouso aéreo/Da verdade./Como navalhas ásperas/Sintaxe de claridade.*

Não fugindo à sintaxe convencional, suas frases obedecem a regras gramaticais de forma espontânea e natural.

Sua poesia se declara sombria, expressa um sentido profundo de mundo, do ser. Constrói antíteses e paradoxos, dando-nos sempre a idéia de "confronto", do mundo idealizado e do mundo real.

Concluímos, notificando que em todo o conjunto poético de Myriam, a presença do "desencanto" talvez experimentado por ela própria é constante.

A poesia do *Livro dos Adynata* é um somatório de sondagens e questionamentos e de exaustivas buscas.

A um certo momento, ela se define num dito doloroso e agreste e conclui-se "idiota, profissional poeta" no mesmo sentido do dizer de Dostoiewski[13], do ser parente próximo dos anjos, dos profetas que vêem o longe, antes, denunciam, pois são clarividentes.

No dizer de Mário Brito[14], a poesia de Myriam é filha da ira, de abafados anseios, de sufocadas amarguras, tão doidamente sentidas. Fala em seu nome e no de todos os humilhados e ofendidos.

NOTAS

1. Myriam FRAGA.*Risco na Pele,p.15.*
2. Cecília MEIRELES. *Obra poética*, p.88.
3. Op. Cit., n.1,p.13.
4. Ibid.,p.131-6.
5. Fernando PESSOA. *Obra poética*, p.234.
6. Cassiano RICARDO. *Jeremias Sem-Chorar, p.279.*
7. Myriam FRAGA, op. cit., nota 1, p.132.
8. In *Moderna Poesia Bahiana. Antologia*, p.162.
9. Augusto dos ANJOS. *Eu & outras poesias*, p.56.
10. Myriam FRAGA. op. cit., nota 1, p.122-3.
11. In *Moderna Poesia Bahiana, Antologia*, p.161.
12. Ver nota 1, p.61.
13. In Massaud MOISÉS. *Guia prático de análise literária.*
14. Op. Cit., nota 1 (orelha do livro).

RELEITURA DE RAYMUNDO *

Raymundo Luiz Lopes, baiano de Salvador, vem publicando poemas em antologias, jornais, revistas, em Salvador e fora do Estado da Bahia.

Revela-se uma pessoa com forte tendência à introspecção, ao amor à natureza, ao conhecimento do próprio homem, e toda essa carga é repassada à sua poesia e a todo trabalho que realiza.

O núcleo de sua temática é o homem, – o homem como um ser que vive à procura de sua meta, encontrando-se ou desencontrando-se, na expectativa de ser livre, independente. O ser no mundo placentário envolvido em suas teias.

O homem, confessa-nos o poeta, assume, de um lado a característica de bom e paciente em relação aos outros – e de outro lado, é agente de sua própria destruição e da depredação da natureza.

O tempo é visto em nuanças de passado que se encaminha ao futuro, envolto em tons coloridos. O presente é quase inexistente, o poeta e sua evasão da realidade. Só o espaço ajuda o homem a refletir sobre si mesmo.

Seus poemas são construídos numa linguagem simples, rica em conteúdo semântico e simbólico. Preocupado com o social, cheio de indagações, o poeta está sempre procurando o porquê das coisas.

Numa tentativa de releitura, foram selecionadas algumas composições cuja convergência temática reside na problemática do tempo e do espaço.

O poeta nos fala de pássaros e de homens em seu poema *Acontecimento de Longa Duração*[1], num desejo de chamar a atenção sobre esses seres, colocando-os especialmente em cada verso, evidenciando-os e centralizando-os.

Ao chamar a atenção de cada um deles, não deseja isolá-los, pelo contrário, procura integrá-los, como única entidade: *Pássaros/Homens/Não os vejo/(...)/.* "Homens", posposto a "Pássaros", conotando, quem sabe, uma comparação implícita. Pássaros, induz à idéia de liberdade, de independência. Homem associado à idéia de busca. Ambos, porém estão perdidos? O nada será a meta? *Não os vejo/metamorfoseados/afiguram-se ao nada.*Homens e pássaros metamorfoseados – sensação de ausência, configurada na estranha incerteza do nada.

O uso da forma verbal *Vejo* marca a maneira singular do poeta, sem perda do tom lírico, no qual se destaca a importância do fato: pássaros e homens metamorfoseados – caracteriza a desilusão da procura e do não-reconhecimento.

Através de contornos metafóricos, o homem é comparado com moléculas, átomos, já que são partículas, ainda menores, buscando-se mutuamente, a fim de compor substâncias como um todo, num desejo de unidade. *Talvez essência/ou o resto/de tudo/Talvez moléculas/simples átomos/em busca do todo.*

(*) Os responsáveis por esta tarefa foram: Ana Beatriz Barreto, Edivalda Araújo e Silvana Azevedo, do semestre 84.2.

Na pureza lírica, descrevendo a manhã como algo muito belo, cheia de encantos, ele, o poeta, constrói em versos livres e melódicos, o seu universo. Em *Aurora Canto Primeiro*[2]*: A face da aurora não é dúbia,/É infância que perdura/é canto da manhã que se inicia/é gesto de cristal.*/Em êxtase, na contemplação da natureza, confessa-nos o poeta, a construção do futuro na fala do passado. O uso da anáfora ressalta a letra *é*, dando maior ênfase ao discurso poético.

O poeta resolve isolar-se, meditar. Em sua introspecção, dimensão maior, relaciona o efêmero, o transitório, o final, quando ele se volta para si mesmo e para o eterno. O que o rodeia não o satisfaz; o homem entrega-se ao fim incoerentemente, por isso, o poeta, acreditando no seu potencial meditativo, na sua riqueza interior, diz: *quero estar comigo/nesse momento/sem sentido/ato final do tempo.*[3]

Ainda no constante jogo do *tempo* no *espaço* e no jogo *ser* e *ter*, o poeta recorre à antítese, como em *Epílogo*[4] *: Banhado em ouro e prata/e em bronze/a face depois desfeita./Glórias, glórias e lágrimas/submissas ao rigor/de uma vida inventada./Mas eles se foram.*

Talvez, fala o poeta, essas pessoas motivadas por valores efêmeros, estejam constantemente sujeitas à dualidade que acompanha todo homem. O eterno conflito entre o que é possível ser e o que se desejaria, na realidade, ser. O real e o ideal. É o sonho. Dar o salto para além dos limites, concretiza o espaço de liberdade almejada. Mas o efêmero, criado pelo indivíduo, o destrói cada vez mais. A passagem desse indivíduo pelo mundo é marcada pelo superficial. O fim, segundo o poeta, é o afastamento imutável e de um riso sem ruído: *Recolhido instante/de mortos rindo silêncio.*

Na sensação analógica, conseqüência dolorosa do Homem, no seu desencontro, seus conflitos, sua convivência com as guerras, seu processo de auto-destruição, desviando o verdadeiro sentido de *estar* e *ser* no mundo, o grande relacionamento cósmico. Na realidade do poeta, tais contigências são, infelizmente, inevitáveis.

Em *Metamorfose*[5], há um jogo metafórico (Homem/Pássaro) onde esses seres, numa unidade e metamorfoseados, sofrem pelo seu descaminho ao longo dos séculos – a queda se constitui numa fatalidade criada pelo próprio homem; o pássaro serve de imagem para simbolizar a perda da pureza, da liberdade: *O pássaro vindo de longe/de vôo finito,/a pluma maculada/do sangue de outros pássaros/(arco-íris e dor)/O pássaro.../ – Homem!*

Se, de um lado, o desencontro entre os seres desvia o homem do seu caminho, de sua meta, de outro lado, ele, o Homem, não desiste de reencontrar o seu espaço, a essência do seu existir. Então, o poeta nos convoca ao isolamento, ao silêncio que facilita a introspecção, momento de lucidez poética: *Não enfrentarei o inimigo/não verei o amigo/não direi nada./Fecharei os olhos e meditarei.*

Na linguagem construída com negativas, sempre jogadas para o futuro, faz pausa, reflete, cria o jogo passado/futuro/presente e a constante necessidade de estar consigo mesmo. Prevê o fim, quando o homem estará diante da própria verdade. É preciso desligar-se de tudo – do inimigo que provocaria reações desagradáveis, da parte dele – do amigo, que incitaria a conversar sobre qualquer assunto. O poeta

prefere não dizer nada, não ver ninguém; um instante para meditar e depois emergir mais poeta, mais puro.

Em sua visão premonitória da grande realidade cósmica, ele se expõe, se arrisca num painel do futuro: *Desses saltos, reveses e andanças/tão somente restarão/alguns escritos lavrados à pressa/como o homem/desse instante.* – (trecho do poema *Ângulo e resultado*[6]).

Crendo na persistência e na permanência de si mesmo, através do seu poema, o poeta usa a expressão "restarão" e amplia a antevisão de um futuro onde só o que for significativo ficará, a exemplo de seu verso.

Nessa linha de conduta poética, encontramos outro poeta que igualmente preconiza a eternidade do canto. Cecília Meireles, em *Motivo*[7], assim como Raymundo, proclama o canto, única promessa de eternidade, diante da insegurança, da precariedade dos seres humanos: (...) *Se desmorono ou se edifico,/se permaneço ou me desfaço,/ – não sei, não sei. Não sei se fico/ou passo./Sei que canto. E a canção é tudo./Tem sangue eterno a asa ritmada./E um dia sei que estarei mudo:/mais nada.*

É bem mais inebriante participar com a natureza geral, divagar pelo tempo e pelo espaço, contemplando-a como se ela mesma fosse anunciadora de um tempo final, num espaço imenso. Mas o tempo é implacavelmente determinado. O poeta, porém, no seu mundo, extasiado, numa contemplação cúmplice com a natureza, percebe que: *Essa tarde não entardece./É sempre azul/como num toque de pincel/proposital.*

Neste poema, *Divagação*[8], o ser "sempre azul" como "num toque de pincel" confirma a comparação, a identidade do poeta com a sua perspectiva e a sua expectativa de idealização em relação à realidade humana universal. *Como num toque de pincel/proposital*, compara-se o próprio toque da arte com a natureza manifestada em seu esplendor.

A presença de um tempo em função do homem, na procura de uma vida melhor, se evidencia. O azul, para falar de um tempo vespertino, exuberante e vigoroso é constante. O entardecer é como se dissesse que a escuridão não o tomará em seus braços, pois o azul sempre prevalecerá sobre as trevas, afastando o homem dos seus medos. O azul, sempre azul, libertação do ser humano das possíveis barreiras e impedimentos, os pensamentos noturnos, as catástrofes da noite. Se a tarde não entardece, a noite não chega e a luz do dia é a fada das horas, ela não traz coisas negativas.

Permanecendo na contemplação, o poeta, em seu estado de perplexidade diante do mundo se desencanta com o homem no seu canto: *A face da aurora é esquecimento/desse homem retorcido.*

E, sempre se ocupando com o problema do relacionamento do Homem, do seu convívio geral, o poeta capta a dualidade que margeia e reflete a vida desse mesmo Homem, decorrente de valores conflitantes em toda a sua trajetória, estabelecendo o ponto de opção entre o *ser* e o *ter*. O poeta antevê esse final, o final de tudo: *E, em riste, nem o riso/nem o rito/nem um triste traço./Recolhido instante/de mortos rindo silêncio.*

No trabalho artesanal, sempre comparando, criando o jogo do tempo no tempo, do tempo no espaço, espaço do ontem e do hoje no amanhã, o poeta caminha no canto e busca no homem a unidade.

A visão do homem de hoje, do mundo moderno, a preocupação com o gradativo distanciamento entre os homens, a alusão ao passado, embora recente, já necessitando recordar, são elementos de construção poética de Raymundo, o poeta. *Em Foco*[9] isso pode ser sentido: *Já não se faz uno/o fio/e sem fim e sem ruído./Já não se enlaça ao cacho/o homem./E, sem desengano, não se tece/o tempo./É raro, hoje, o que deveria ser farto.*

"Já não se faz uno o fio", bem como "já não se enlaça ao cacho o homem". O poeta faz ainda mais uma colocação com sabor de esperança, quando conclama a humanidade para não alimentar o desengano, pelo contrário, apesar de rara, é preciso não desistir de procurar no homem a semente do que é positivo, do que é humano.

A relação simbólica e filosófica que se estabelece inclui a questão política, no conteúdo do poema *Triunvirato*[10]: *Em torno da grande e redonda mesa, branca, reunidos,/eles/confabulavam, riam/e repartiam coisas./No fim de tudo, prontas as contas, a cena/fez-se de silêncio e de vazio./E a mesa se vestiu de luto.*

Na sensível convivência do poeta com a poesia, evidencia-se uma profunda consciência crítica, na construção das idéias, na envolvência da problemática política. A alusão aos três poderes, às três armas, o universal ato de força do homem.

A contraposição do ambiente campestre afina-se com a utopia do poeta, na sua visão de um clima paradisíaco, com o seu espaço tranqüilo e natural. Contraposição à realidade da "selva de pedra": *é canto da manhã que se inicia/(...)/é horizonte parindo na manhã(...).*

E a límpida face da "aurora" contribui para que o poeta se aliene, permaneça em êxtase, em tempo de fuga e se distancie desse homem voraz, destruidor. E a sua face idealista aflora: *Essa tarde não entardece./É sempre azul.*

A predominância do azul, a convocação na esperança de ainda encontrar este espaço de luz, a centralização na figura humana universal, universalizada pelo poeta, em seu canto. A capacidade de imaginar coisas em ordem e em desordem alia-se à força de propor um tempo de construção, bem freqüente nos seus versos.

Conhecer o trabalho poético de Raymundo Luiz Lopes foi importante, pois, conviveu-se com a sensibilidade, com a linha de introspecção e aprofundamento na análise do homem. Linguagem simples e objetiva, através de palavras leves e cheias de ternura, exterioriza o sentimento puro em relação às coisas, tais como: infância, aurora, pássaro, tentando identificar-se com a natureza. Enquanto espaço de opção, de serenidade, de volta ao passado e do passeio no futuro, viajando poeticamente em seu canto, ele se relaciona com os seus vários Eus: o ontem, o hoje, o amanhã, numa "infância que perdura".

O contato com a poesia de autores baianos abriu-nos novos horizontes para o conhecimento da arte local contemporânea.

Verificamos nos trabalhos realizados a sensibilidade dos alunos, na percepção

do nível artístico dos nossos poetas selecionados, na maneira singular de analisar e compreender as temáticas, de estabelecer confrontos com expoentes literários. Com linguagem simples, mas elaborada com segurança e arte, o discurso literário evidencia perspectiva de outros trabalhos mais aprofundados.

Devemos, portanto, acreditar na possibilidade de experiências na pesquisa e produção de texto, no próprio fazer de sala de aula, criativo e preparador de outras propostas, com maior abrangência estético-literária bem como científica.

NOTAS

1. Raymundo Luiz LOPES. *Revista Hera*, n.10, p.26.
2. Ibid., n.11, p.44.
3. Op. cit., nota 1 (Ver também *Pacto de Gerações – Antologia Poética*, p.75)
4. Ibid., n. 12, p.19.
5. Ibid., nota 1, p.25 (Ver também *Pacto de Gerações – Antologia Poética*, p.72).
6. Op. cit., nota 2, p.45.
7. Cecília MEIRELES. *Obra poética*, p.81.
8. Op. cit., nota 2.
9. In *Revista Hera*, n.13, p.16.
10. Ibid., n.14, p.30 e op. cit., nota 4.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Augusto dos. *Eu & outras poesias*. Rio de Janeiro, Civilizaçao Brasileira, 1982.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1979.

CARA, Salete de Almeida. *A poesia lírica*. São Paulo, Ática, 1985. (Série princípios).

FRAGA, Myriam. *Risco na pele*. Rio de Janeiro, Civilizaçao Brasileira, 1979.

———. *Livro dos adynata*. Salvador, Macunaíma, 1973.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 2. ed. São Paulo, 1985. (Série princípios).

HERA. poesia. Feira de Santana, Cordel, 1972.

———. Feira de Santana (10) 1978.

———. Feira de Santana (11) 1979.

———. Feira de Santana (12) 1979.

———. Feira de Santana (13) 1980.

———. Feira de Santana (14) 1982.

LOPES, Raymundo Luiz et alii. *Pacto de gerações: Antologia poética*. Salvador, Ed. Contemp., 1976.

MASSAUD, Moisés. *Guia prático de análise literária*. São Paulo, Cultrix, 1959.

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. São Paulo, Cultrix, 1972.

MODERNA POESIA BAHIANA. Antologia. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967. (Coleção Tempoesia, 7).

PAIXÃO, Fernando. *O que é poesia*. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. São Paulo, Aguilar, 1965.

RICARDO, Cassiano. *Jeremias sem chorar*. 2.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968.

SITIENTIBUS. Rev. da Univ. Est. de Feira de Santana. *II* (4) jan./jun. 1984.

———. *II* (3) jul./dez. 1983.